



## **ENTRE A VISIBILIDADE E A INVISIBILIDADE: A TRAJETÓRIA DE MULHERES ALEMÃS MIGRANTES PARA BLUMENAU (SC) NO PÓS-GUERRA E DE COMO SÃO AFETADAS PELAS RELAÇÕES DE GÊNERO**

Marilda Checcucci Gonçalves da Silva <sup>1</sup>

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa maior que vem sendo realizada pela autora, sobre a trajetória da população de origem alemã imigrada no entre guerras e pós-guerra para Blumenau (SC). Nele se apresenta uma sistematização parcial do material coletado na pesquisa, ainda em andamento, descrevendo e analisando a trajetória de duas mulheres, sob o ângulo do processo imigratório e das relações de gênero<sup>2</sup> que as definem. Uma delas foi coletada recentemente pela pesquisadora e a outra reconstituída a partir de um estudo biográfico de Tânia Schildwäter (2000) sobre a sua família, que foi orientado por mim, como trabalho de conclusão de curso.

A vinda destas imigrantes para Blumenau, ocorreu em consequência da fixação de parentes na cidade de Blumenau, que para ela imigraram em momentos anteriores do processo imigratório que se inicia na região em 1850, com a fundação da Colônia do mesmo nome e com o seu povoamento por colonos de origem alemã. A exclusividade germânica no Vale do Itajaí perdurou até meados da década de 1870, quando chegaram italianos e poloneses. Mas houve continuidade da imigração alemã até a década de 1930 (SEYFERTH, 1999, pg. 281). Sobre a entrada de imigrantes de origem alemã a partir dessa data, pouco se conhece tomando-se como referência a literatura existente, entretanto, já há alguns anos pesquisando na região, tenho estado em contato e tomado conhecimento da presença de uma grande quantidade deste tipo de imigrante. Tive oportunidade de entrevistar alguns deles, no entanto alguns falam da dificuldade em falar sobre o passado, que na maioria das vezes, querem esquecer.

Lançando mão de várias estratégias, estas mulheres irão ter um papel central na condução de suas vidas tanto no período anterior à imigração, durante a guerra, quanto no novo território e na vida de seus descendentes. A pesquisa traz à tona a memória sobre a vida e a trajetória desse tipo de imigrante, uma vez que inexistem pesquisas sobre eles, dando-se visibilidade somente aos

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia, Doutora em Educação, Professora e Pesquisadora do Mestrado em Desenvolvimento Regional da FURB, marildacheccucci@hotmail.com

<sup>2</sup> A palavra gênero está ligada a uma nova conceituação das relações de poder que ocorrem nas relações entre os sexos. Com esta nova conceituação, rompe-se com uma visão que vinculava o sexo dos indivíduos com a sua identidade de gênero. Essa identidade é fruto dos padrões culturais que delimitam em cada tempo e espaço o que deve ser apropriado e internalizado como papéis a serem desempenhados por cada um dos sexos, configurando as relações de gênero.



imigrantes que vieram para a região com a colonização européia. Trata-se de um estudo de caso, com ênfase na utilização de depoimentos orais.

### *As trajetórias das duas mulheres emigradas*

#### *Dona M<sup>3</sup>*

A trajetória imigratória dela se inicia com a vinda da sua mãe para Blumenau, para se juntar em segundas núpcias ao primeiro namorado, que na época já residia em Blumenau. A esposa dele falecera e o marido dela também, em um campo de concentração de prisioneiros na Rússia. Ao conhecer ainda na Alemanha a filha do Sr. Fedderson, famoso colonizador contemporâneo ao Dr. Blumenau, ele havia deixado a ex-namorada e ido para Blumenau casar-se com ela.

Ela e o irmão do primeiro casamento ficaram na Alemanha para terminar uma parte do ensino. Na época ela estudava biomedicina e terminou o curso, mas como havia prometido ficar um ano com sua mãe depois da conclusão dos estudos, vai para Blumenau, não consegue trabalho na sua profissão, porém conhece o seu marido e se casa em 1955, lá permanecendo. O marido dela que era austríaco, tinha vindo em 1950, depois de prestar o serviço militar, contratado por uma empresa perto de Ibirama, município de Blumenau e, posteriormente, como engenheiro da Força e Luz.

De acordo com ela a profissionalização das mulheres começou sob Hitler, que contratou mulheres no exército alemão, abrindo as portas para o serviço feminino. Sua mãe, com a idade de 17/18 anos se profissionalizou como enfermeira para recém-nascidos, tendo por conta de seu trabalho assegurado à família a comida, no período da fome durante a guerra, a partir de 1944, quando os ataques aéreos aumentaram, deixando de haver abastecimento. As pessoas passam então a ir para o interior, onde tentavam trocar com os colonos, roupas de cama e de banho por comida.

A partir de 1945, no final da guerra, ela e a família viveram em pequenos lugarejos, fugindo dos russos. Eles haviam fugido da cidade de Breslau na Silésia (hoje Polônia) para um lugar onde estava também uma tia dela que era pianista e que formou em 1939 um coral de crianças.

Esse coral de crianças era famoso na Alemanha e subvencionado por Hitler. Ela se encontrava nesse mesmo lugar com as 30 crianças, entre 10 e 14 anos que era a faixa etária nessa época dela e do irmão. Então, era essa dirigente do coral com outras quatro pessoas adultas, todas mulheres, que cuidavam das crianças até que os russos avançaram e tudo se... mais ou menos normalizou... entre aspas.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada pela autora no dia 20/06/2009. Optou-se por manter-se em sigilo o nome da entrevistada.



Deixaram a casa familiar com tudo indo viver no meio de colonos, em casa de uma amiga da sua mãe. Os colonos tinham “trato” para as vacas e animais e dele era preparada comida para eles. Por exemplo, a beterraba, os animais comiam e eles cozinhavam as folhas e comiam. À noite era permitido que as pessoas que não podiam trabalhar se abaixassem e recolhessem os grãos que haviam caído no solo no momento da colheita. Tudo era aproveitado. Elas iam aos bosques recolher cogumelos, aprenderam quais eram os venenosos e quais não. Não havia gordura, então sua mãe, como era enfermeira tinha sempre óleo de rícino e daí com um pincel ela passava na frigideira para fazer omelete de cogumelos. Isso aconteceu de 1944 a 1947.

Em 1948 ela e a família fugiram novamente da parte oriental para a ocidental, porque na oriental os russos haviam ocupado em 1947 nela implantando o comunismo. As pessoas do lugarejo foram convidadas a assinar uma lista de adesão devendo chegar, numa data determinada, em escolas, com uma hora de antecedência ao encontro. A sua mãe não assinou a lista, voltou para casa e disse: “nós não podemos mais ficar. Eu vou amanhã de noite com o teu irmão pra uma (casa de uma) amiga na parte ocidental, vou ver se nós podemos ficar lá.” Ela foi com o seu irmão prá lá e depois voltou para buscar ela. A casa da amiga da mãe abrigava uma família enorme. Era uma colônia de 200 hectares, bastante grande para a Alemanha. Sua mãe trabalhou durante esse período como enfermeira em um hospital. Isso era na Saxônia baixa. Na casa improvisaram apresentações infantis, teatros e recitais. A escola incentivava essas coisas. Para as crianças lá era o paraíso. Porém elas tinham que acordar cinco horas da manhã, andar a pé e de tamancos, seja no calor ou frio durante cinco quilômetros, para pegar o trem e ir até a escola que era de freiras.

A mãe era, na sua opinião, uma mulher muito corajosa. Quando fez a “instrução de enfermeira para recém-nascido”, ela ficou tuberculosa e permaneceu dois anos em um sanatório onde ela conheceu o marido, seu pai, que era especialista em pulmão. Este sanatório ficava no *Schwarz Wald* (Floresta Negra).

Marcou muito ela, o fato de não ter conhecido bem o seu pai. A partir de 1935 ele tornou-se médico do exército, sob Hitler e em 1938 foi separado da família, começando a guerra em 1939. Ela somente tem lembrança da sua presença nas refeições feitas com eles, durante as suas férias do trabalho, que duravam quatro semanas. Era uma pessoa muito distante.

Ele viveu em um outro lugar, numa outra cidade e visitava somente uma vez por ano, nas férias dele de quatro semanas. Ele veio de uma família de médicos de várias gerações e a educação da época era só da mãe e não do pai. Quando esteve com a família ele ficava no quarto com os livros dele, com os trabalhos de pesquisa dele.

Vê-se desse modo que o pai estava sempre ausente. Segundo ela isso se explica porque na Alemanha as crianças são educadas de forma muito diferente da nossa:



Mais severas, mais isoladas dos adultos. Até hoje ainda. Isso que confirmam também as pessoas que fazem estágios na Alemanha. As mães hoje colocam as crianças pequenas nos carrinhos e lá dentro fica a criança, fica transportada no ônibus, no bonde, e não sei onde... na loja, no supermercado, a criança não se mexe. (...) A criança não faz barulho, não se mexe, não se mete no meio da conversa, fica na rua. E por isso também não tem muito contato com as outras crianças.

As pessoas que perderam as casas e os seus pertences tiveram que fazer um levantamento por escrito dos bens que possuíam antes da guerra, permitindo que sua mãe viesse receber o dinheiro em Blumenau e comprasse uma casa na praia em 1957, onde viveu com o segundo marido.

Atualmente a entrevistada trabalha como tradutora juramentada, depois de ser aposentada pelo ICBA, onde trabalhou por 30 anos.

### *Agnes Schildwater*

Com a derrota da Alemanha, “o caos toma conta do país e a antiga classe burguesa não resistiu. A pobreza e a falta de perspectivas, somadas à ameaça de uma nova guerra, fizeram com que muitas famílias optassem por reconstruir as suas vidas em terras brasileiras. Incentivada pelo irmão, que emigrara para o Brasil na década de 20, Agnes Schildwater (avó da pesquisadora) decidiu deixar a Alemanha, acompanhada pelos quatro filhos.” Assim se inicia o relato de pesquisa de Tania Schildwater (2000) neta da imigrante.

Segundo seu relato Agnes Anna Diekhaus Prullage, “casou-se em Damme-Dinklage, aos 29 anos, com Hubert Antonn, da cidade de Furstenau (ao norte da Alemanha), com 35 anos em 1936. Para Hubert Antonn (avô) tinha sido uma felicidade encontrar uma herdeira de casa tão abastada. A expectativa para a festa de casamento de Agnes e Hubert Antonn, filho do marmoeiro Schildwachter, era animadora, já que não havia muitas fontes de diversão em Damme-Dinklage, uma região essencialmente agrícola, repleta de pequenos propriedades rurais, que exigiam muito trabalho diário para cultivar a terra e tratar da criação de gado. (ibidem, pg. 9 e 11).

Agnes, nascida em lar abastado, mas de muito trabalho, desde cedo a disciplina tinha sido uma constante em sua rotina. Seus irmãos tinham ido, cada qual, procurar o seu caminho, pois a propriedade paterna ficaria apenas para o filho mais velho, como rezava a tradição. Porém o primogênito dos Prullage abriu mão do direito de herança, pois preferira estudar e tornar-se professor. Heinrich, seu segundo irmão, também optara por esse caminho e tendo estudado agrimensura, partirá para o Brasil. O terceiro irmão de Agnes, August, acabara ocupando esse lugar e herdaria a propriedade paterna. Irmã mulher, Agnes só tinha uma, mais velha do que ela que seguiria o “destino natural das mulheres da maior parte das famílias das colônias: uma carreira



religiosa como freira.” Agnes sabia que o seu futuro, se não surgisse um pretendente, era seguir um desses dois rumos: ser também uma religiosa, ou ficar eternamente subalterna ao seu irmão August, herdeiro natural da propriedade. (ibidem, pg. 11) Ainda na casa do pai conhece o seu pretendente.

O pai de Hubert foi oficial durante a Primeira Guerra Mundial, e a tradição de marmoristas iniciara com seu avô, proprietário da mais antiga pedreira da região e exímio escultor de pedras. Hubert desde cedo demonstrara o mesmo interesse e tornara-se aprendiz, passando por todas as etapas até receber o título de mestre escultor e marmoreiro, o que ampliará o renome da empresa familiar. O mármore vinha de muito longe e era uma mercadoria preciosa naqueles tempos.

Desde muito cedo tinha peregrinado por todo o país para aprender e se diplomar no nobre ofício de entalhador de pedras e marmoristas. Como rezava a tradição, percorrera o país em busca de entalhador de mestres que, a troco de um trabalho e dedicação absoluta, davam-lhe casa, comida e o mais importante o aprendizado. Em sua peregrinação, acabara chegando à cidade de Koln (Colônia) e trabalhara durante um bom tempo nos entalhes elaborados em pedra para enfeitar a catedral que estava em construção.

Dez meses após o casamento, nasce Hubert Johannes, o primogênito do casal. “Corria o ano de 1937, e os rumores de uma guerra estavam cada vez mais fortes, preocupando a todos. (...) Essa perspectiva não agradava Hubert Antonn, pois seus negócios haviam atingido um estágio muito promissor e até, em parceria com alguns amigos, havia fundado o primeiro banco da cidade de Furstenau – o *Deutsche Volksbank*.” (ibidem, pg. 12 e 13)

Hitler tornara-se cada vez mais forte desde 1933, quando eles se aproveitara da conjuntura caótica interna e externa, para tomar o poder. Atuando, implacavelmente, em menos de um ano sufocara todos os movimentos oposicionistas (social-democratas, comunistas e liberais), dando início à revolução nacional-socialista, que tinha como objetivo fazer a Alemanha retornar ao *status* de grande potência. Iludidos pelas promessas de grandiosidade que pareciam naturais e justas, os alemães na sua grande maioria não haviam percebido o contingente de loucura do grande líder, que acalmava os ânimos da poderosa burguesia financeira e industrial do país, enquanto aflagava a diplomacia internacional, assinando com o Japão (novembro de 1936) e com a Itália (janeiro de 1937) o Pacto *Anti-Comintern*, cujo fim era isolar e, se possível, até atacar a Rússia, então considerada a maior inimiga de todas as nações do mundo. (ibidem, pg. 13)

Seu segundo filho, Johannes Josef nasce em junho de 1938. No início de 1939, descobre que está novamente grávida. Então Christa Franciska nasceu, em dezembro de 1939, três meses antes a Alemanha invadira a Polônia dando início à guerra.

No segundo semestre de 1940, a guerra atingiu a região dos Balcãs. Hitler necessitava enviar inúmeras divisões para essa região, a fim de afastar, definitivamente, os ingleses do Mediterrâneo Oriental, assim como reforçar o *front* sul, preparando-o para a futura invasão da Rússia. Começaram as convocações em massa e logo chegou a carta para Hubert. (ibidem, pg. 14)



Na primeira carta enviada por Hubert Antonn do *front* ele dizia estar bem. Trabalhava como motorista dos oficiais do Alto Comando Alemão, que tratavam da ocupação da Rússia. Agnes Karola nasceu em 1941. (última filha) Agnes temia que, quando o marido retornasse, voltassem a ser dois estranhos.

Também se sentia sobrecarregada com quatro crianças, uma casa e um negócio para manter, sempre sob a ameaça terrível da guerra. Notícias de bombardeios em Berlim, Hamburgo, Frankfurt e arredores chegavam de forma assustadora e era quase óbvio que essas desgraças acabariam chegando também ali. Isso ficou ainda mais evidente quando foram construídos os *bunkers* (abrigos anti-aéreos), e toda a população foi instruída a como proceder para a sua utilização. (pg. 15)

Em junho de 1941, Hitler invade de vez a União Soviética, e uma grande mobilização de forças para aquela região foi necessária. Agnes aumentou sua preocupação, pois Hubert também iria para o *front*. (pg. 15)

Muitos técnicos de guerra alertaram ao alto comando alemão, sobre as dificuldades de se conquistar a Rússia. Sua vastidão, as poucas estradas e a determinação de lutar do seu povo provocariam imenso desgaste ao invasor. Em Furstenau, Agnes levava uma vida difícil, a alimentação tornara-se escassa. O filho Hubert, ao se preparar para ir ao Jardim da Infância tinha que levar na mochila máscara de gás que todos receberam do governo.

Aquele foi um inverno de desesperança para a Alemanha e todo o seu povo, derrotas começaram a se acumular, a estratégia de Hitler desandou e as bombas começaram a cair sobre toda a Alemanha. O pânico tomou conta da população civil e, cada vez que disparava o alarme do ataque aéreo, era preciso correr para os abrigos, levando cada qual a sua mochila contendo máscara de gás, água e pão, pois nunca se sabia quanto tempo poderia ter que ficar lá. Ao saírem de casa, era obrigatório carregarem as mochilas com esse equipamento. Ao pôr-do-sol, era dado o toque de recolher e ninguém devia ser visto na rua. O medo então, passou a fazer parte do cotidiano de todos. (ibidem, pg. 17)

Numa manhã de aula um soldado entrou na sala e mandou que todos fossem para fora. Próximo à escola, havia uma pequena sinagoga, onde os judeus de Furstenau se reuniam para as suas rezas e tradições. Homens, mulheres, e crianças se apertavam uns contra os outros, enquanto as crianças da escola as olhavam.

Hubert conta que os judeus foram empurrados para o porão da sinagoga, todos os objetos, móveis e utensílios que havia na construção foram retirados e colocados no pátio, antes que alguém pudesse entender o porquê daquilo, os soldados espalharam gasolina e atearam fogo nesses objetos. Hubert, apavorado e assustado, ficou revoltado com a situação, principalmente por que seu grande amigo Franck estava lá dentro com toda a sua família. Para ele o preconceito racial não existia. Soube mais tarde que os judeus foram retirados do porão e levados de caminhão para um destino incerto, entre eles Franck, seu amigo, e toda sua família. (ibidem, pg. 17)

Os meses se passavam até que um dia Hubert encontra a mãe em casa deitada na cama e passando mal, queimando de febre, enquanto o filho menor chorava ao seu lado. O irmão August,



que morava a 40 quilômetros de distância, foi chamado para assumir a situação. Leva os quatro irmãos para Bunne e a mãe para um hospital. Eles entram para a escola local e passam a conviver na comunidade. Agnes começa a melhorar depois de alguns meses de tratamento e perguntava pelos outros filhos cobrando de Hubert a responsabilidade pelos irmãos.

Finalizada a guerra Hubert ressentia-se contra o pai, pois sonhara que tudo voltasse ao normal. Mas eles continuavam na casa dos tios, a pobreza e escassez eram imensas, e seu pai nem sequer dera notícias. (ibidem, pg. 25)

Em 1946, Agnes recebe notícias de seu marido, Hubert Antonn. O governo alemão divulgou uma lista de soldados presos em batalha e ele havia sido capturado pelo exército russo. Depois chega uma carta dizendo que ele estava na Sibéria e estava bem. Na primavera de 1949, Hubert Antonn voltou. “A família cercou-o e abraçou-o. Ele tentava retribuir mas seus olhos e seus gestos sem vida, refletiam o sofrimento.” Logo a família percebeu que o homem que a guerra havia devolvido a eles era muito diferente daquele Hubert que partira, estava destruído psicologicamente. Um dia saiu e chegou embriagado, dizendo o que vira e vivera para Agnes, August e Clara, e a narrativa os deixou atônitos.

Hubert narrou que fora transferido para a Sibéria, depois de capturado pelo Exército Vermelho. Num frio de 40 graus abaixo de zero, foram jogados em barracas de madeira fina, sem nenhum tipo de aquecimento, e para sobreviverem ao frio só dormindo agarrados com os companheiros de cela. Os russos não precisavam se preocupar com fugas, pois a própria sobrevivência naquele lugar já era quase que uma vitória diária contra a morte. Os prisioneiros iam morrendo em grande número e eram sepultados no gelo, uma vez por semana. Para comer, além da magra ração semanal, apenas alguns ratos, centopéias ou qualquer outro ser vivo que conseguiam capturar, esporadicamente.

Agnes volta para a propriedade destruída, construindo uma pequena cabana com os restos dos materiais encontrados, recomeçando ali sua vida, entretanto a vida não foi a mesma, o pai se mostrava estranho e arredio além de se embriagar, o que resultou na separação do casal.

A ameaça de uma terceira guerra assustava a família e Agnes com o apoio do irmão que morava em Blumenau, decide ir para lá. Partem em um navio argentino. “Eles não sabiam o que os esperava, mas a perspectiva de um mundo novo onde não havia guerra, nem fome, nem frio, nem outras desgraças, com um povo que o tio Heinrich dizia ser caloroso e bondoso, era animadora.” (ibidem, pg. 29) Chegam em Santos e no dia seguinte vão para Blumenau.

Blumenau em 1955 era uma cidade de apenas 20.000 habitantes. Hospedam-se em um hotel próximo à casa dos tios. Ao completar três dias na cidade se emprega na Oficina Hoepcke. Tinha agora um trabalho e um ambiente onde praticamente todos falavam alemão com fluência, assim como ele. Alugaram então um pequeno sótão, com apenas uma cozinha e dois quartos. Os filhos



procuram arrumar emprego, para contribuir com a economia familiar. Agnes conheceu Cristiano Theiss, negociante de tecidos e combina com ele: ela pegava tecidos e confeccionava roupas com a máquina que trouxera na bagagem da Alemanha. Nos finais de semana, ia com Hubert nas cidades vizinhas e vendia o produto do seu trabalho de porta em porta. Ele além de vender roupas com a mãe lavava carros e limpava fossas nas casas de amigos e conhecidos. (ibidem, pg. 31 e 32)

Depois de dois anos Hubert vai trabalhar em uma oficina de tratores. Por intermédio de Christa, a caçula Agnes Karola emprega-se no Hospital Santa Isabel e agora a família pode alugar uma pequena casa. Em 1958, Johannes começa a trabalhar em uma oficina de refrigeração. Hubert queria iniciar um negócio próprio e esse lhe pareceu um ramo promissor. Algum tempo depois monta com o irmão uma pequena oficina. (ibidem, pg. 35) Em 1959, o dinheiro da Alemanha, pago pelo governo às famílias de imigrantes, chegou, e Hubert e Johannes compraram uma empresa. Depois de algum tempo Hubert alugou um galpão. As vendas iam bem, mas a produção, coordenada por Johannes, ficava defasada em relação ao que era vendido. Hubert montou uma loja para vender peças de refrigeração e revender o que o irmão fabricava.” (ibidem, pg. 36)

Hubert aconselhado por um advogado vindo de São Paulo para representar alguns dos principais credores, reassume a empresa e a situação se normaliza, entrando numa relativa estabilidade. Ele junta dinheiro para comprar um terreno, no qual pretendia construir a sua nova fábrica. “A mãe, agora, já podia viver mais sossegada, não precisava trabalhar tanto, sua principal ocupação, além da casa eram os bordados que executava para a Casa Mayer. Seus trabalhos eram disputados, pois eram sempre perfeitos e ela se orgulhava muito deles.” (ibidem, pg. 37 e 40)

É importante se observar através da narrativa, como as questões étnicas e de gênero também atravessam as relações familiares e amorosas. É assim que Hubert ao conhecer através de um amigo a sua futura esposa temia pela aprovação da sua mãe, “pois sempre deixara claro que preferia noras alemãs. Irene era descendente de alemães por parte de pai, mas sua mãe era brasileira e assim não falava alemão e ele receava que a mãe não aceitasse esse fato com facilidade.” (ibidem, pg. 40) A garota acabou conquistando a futura sogra, mas, para ser aceita de vez, a menina precisava aprender alemão. Ela foi “salva” por uma tradição da época em Blumenau:

enviar para Gramado, no Instituto Evangélico, as filhas que iriam casar. Lá as moças aprendiam prendas domésticas em geral. E tinham também aulas de alemão, inclusive com professores formados na Alemanha.” (ibidem, pg. 40)

Em setembro de 1969, ela e Hubert casaram-se. No ano de 1978 ele recebeu uma proposta para fazer um curso na *EletroluxZigmund*, empresa alemã fabricante de congeladores de plástico.



Tanto ele quanto o cunhado Afonso, fizeram estágios nessa empresa, e passaram a fabricar o equipamento no Brasil. Através de um empréstimo a empresa importou a primeira máquina de injeção de poliuretano da Alemanha, iniciando a fabricação de congeladores. (ibidem, pg.45)

### *A análise e a comparação das trajetórias*

Através dos relatos da trajetória das duas mulheres imigrantes é possível perceber-se, o quanto as histórias de vida estão permeadas pela história social (QUEIROZ, 1988, pg. 20) bem como compreender os significados atribuídos pelos indivíduos à sua experiência.

Através da remontagem da trajetória de vida da primeira informante é possível se apontar para alguns aspectos recorrentes. Em primeiro lugar o fato de provir de uma trajetória imigratória que se inicia com a sua mãe e o seu pai, ainda que em momentos diferentes. A mãe havia perdido o primeiro marido, com o qual fora casada antes de imigrar, em um campo de concentração na Rússia, casando-se em segundas núpcias com o seu ex-namorado, que havia deixado ela na juventude para se casar com a filha de um homem de uma família importante de Blumenau.

Ela havia sido casada com um homem, que foi enquadrado sob o regime de Hitler em 1935 para o exército, como especialista em pulmões, sendo a partir de 1938, separado da família, passando a viver em outro lugar e visitando a família somente durante quatro semanas de férias por ano. Mesmo durante essa ocasião ele se apresentava muito ausente. A explicação que ela fornece para essa ausência do pai, que não é somente física mas afetiva, é a maneira como são criados os filhos na família, completamente distanciados dos adultos. É possível se inferir também que sob a inteira responsabilidade das mães e ausência paterna.

A imigração irá representar na sua trajetória uma ruptura com a vivência da guerra, que se desejava esquecer e a retomada de uma relação amorosa interrompida no passado. Comparando-se com a segunda trajetória, percebemos também, que, a motivação para a imigração não estava distante dessa. Havia a perspectiva de uma vida nova, longe da guerra e de suas lembranças, inclusive do marido, que voltara da guerra psicologicamente transtornado e distante, levando à separação.

Em segundo lugar a história anterior à emigração, está centrada nas duas trajetórias aos acontecimentos ligados à guerra e vividos pelas duas mulheres juntamente com suas famílias. Trata-se das diferentes estratégias que essas mulheres utilizam para fazer face às situações de vulnerabilidade e aos conflitos provenientes da sua inserção social no contexto da guerra, onde na ausência do pai, elas ficam como principais responsáveis por tocar a vida com os filhos, educando-



os, alimentando-os, fugindo de um lugar para outro, enfim vivendo situações limites, à qual terão que responder. Sob esse aspecto fica evidente a grande vulnerabilidade das mulheres e das crianças no contexto da guerra<sup>4</sup>. As saídas para estas situações são apresentadas como estando também permeadas pelas relações de solidariedade entre as pessoas da família, amigos e mesmo ex-empregados, bem como pelo deslocamento da moradia para o campo, entre os colonos, já que estes dispunham de alimento, mesmo quando na cidade não se tinha mais o que comprar. È assim no caso da primeira informante que vai para a casa de uma amiga colona, lá permanecendo, quando fogem de Breslau, por conta da recusa em assinar a sua adesão ao comunismo.

As crianças durante a guerra são cuidadas por mulheres, mas também têm que assumir responsabilidades de adulto como trabalhar para conseguir alimentar-se, no caso de dona M. Essa situação fica clara também na relação de Agnes com o filho mais velho, que na ausência do pai, se constitui em “esteio” da família, chegando a lamentar a “perda” do filho com o seu casamento.

Um aspecto a considerar ainda na comparação das duas trajetórias é a posição de classe que ocupam. As duas famílias detinham capital material e simbólico nos termos definidos por Bourdieu (1989), o que propicia acesso à propriedade, renda, educação e prestígio, que será fundamental na reconstrução da vida em Blumenau. Sendo assim, no caso das duas famílias, o capital cultural que detinham, permitiram que logo, todos da família conseguissem trabalho. Além disso, é confiando no seu capital cultural, cuja origem estava na Alemanha, que Hubert desenvolve seu projeto profissional, inclusive ciente dessa importância ao freqüentar feiras comerciais na Europa. No caso de Agnes ela irá utilizar o seu saber feminino, costuras e bordados, para ajudar na economia doméstica. No caso da Dona Marianne ela irá se profissionalizar ainda que não sendo na sua área de formação, ocupando espaços conferidos pelo seu capital cultural, onde a língua alemã tem um papel central. Ela irá trabalhar durante 30 anos no ICBA e após como tradutora juramentada de alemão.

Vemos dessa maneira que as relações de gênero, etnia e classe social das mulheres imigrantes, bem como o contexto vivido na guerra, foram fundamentais na definição de suas trajetórias, levando-as a tomarem decisões que definirão o rumo de suas vidas e da própria família.

### *Bibliografia:*

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. São Paulo, Difel: Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 1989.

---

<sup>4</sup> TAYLOR (1979) e VIZENTINE (1989) apontam como característica mais brutal da guerra o fato de não se fazer diferença entre os que combatiam no *front* e a população civil, mas ao contrário, isso ser utilizado como estratégia de conquista na guerra.



QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos Orais: do indizível ao dizível. In: Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil). São Paulo: Edições Vértice, 1988.

SEYFERTH, Giralda. A Colonização alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SCHILDWATCHER, Tania. Schildwatcher: biografia de um imigrante alemão em Blumenau. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau. 2000.

TAYLOR, A.J.P.A. A segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VIZENTINI, Paulo. A 2ª Guerra Mundial (1931-45). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.